



Quatro meses antes de sua viagem a Zurique, ainda no Brasil, movida pela preocupação em dar assistência aos indivíduos que viviam no ciclo vicioso das reinternações, Nise, como sempre, inovou, ao criar um espaço para um atendimento humanizado a essas pessoas.

1ª sede da Casa das Palmeiras, na Rua Haddock Lobo, 296, Tijuca, Rio de Janeiro.

O espantoso número de reinternações [70%] dava testemunho de que algo estava errado no conjunto do tratamento psiquiátrico.

Daí nasceu a ideia de criar um setor do hospital que funcionasse como uma espécie de ponte entre o hospital, a família e o meio social. Essa proposta não teve nenhuma repercussão.¹

A falta de apoio dos colegas psiquiatras a seus projetos levou Nise a buscar uma saída fora do hospital:

Aí eu encontrei uma médica que tinha trabalhado comigo no Engenho de Dentro, que trabalhava numa Casa de Saúde e enfrentava o mesmo problema. E essa minha colega, Maria Stella Braga, era amiga de uma senhora chamada Alzira Lafayette Cortes, que era diretora do Colégio Lafayette na Tijuca. E ela disse que a dra. Alzira já havia cedido um prédio velho do colégio para a APAE, e havia um andar em cima que estava vago. Quem sabe ela não cedia? A Stella conversou com ela e a dra. Alzira topou a ideia. Aí eu comecei a pensar: como é que se vai fazer? Era começo de 1956, o mesmo período em que estava havendo já essa transa com o Instituto Jung, eu pensando nesse Congresso, ir para Zurique em 1957. Um período de muitas coisas. Então começamos a pensar, Maria Stella Braga, eu, uma assistente social de São Paulo – Lígia Loureiro – e uma moça que era artista, Bellah Paes Leme: cada uma sugeria uma coisa e a casa foi fundada a 23 de

Nise,
funcionários
e clientes,
nos primeiros
anos da
Casa das
Palmeiras.



dezembro de 1956. Uma coisa que nós quebramos foi essa persona de médico, enfermeira eu não quis, não tem aparatos. Foi um pouco ousado para a época, com regime de externato, portas abertas. Entra uma hora e sai às seis.

No jardim, havia um círculo de Palmeiras, e alguém sugeriu um nome que achei lindo: Casa das Palmeiras. O primeiro doente que apareceu tinha 13 internações, e nunca mais precisou de nenhuma, sendo hoje monitor da instituição. De 1962 a 1978, a Casa das Palmeiras teve 125 frequentadores e 13 reinternações, ou seja, 10%. Se compararmos com os números antigos, poderemos observar quanto progresso uma simples medida sensata produziu.²

A Casa das Palmeiras foi criada em 1956, com as portas e janelas abertas para os loucos. E me diziam: “Você é louca, vai acontecer um desastre.” Desastres acontecem, o que se vai fazer? Mas a Casa está aberta, liberdade não faz mal a ninguém.³

Eu queria uma casa que não fosse como as instituições tradicionais, para que o doente não perca o contato com a família, a família não perca o contato com o seu doente e ele não seja violentamente desligado do mundo e da vida.⁴

A Casa das Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústia, nem exigências superiores às possibilidades de resposta de seus frequentadores. [...] Portas e janelas estão sempre abertas. Os médicos e os demais membros da equipe técnica não usam uniformes ou crachás. [...]

Essas normas inusuais, que existem desde a fundação da Casa, nunca contribuíram para fomentar desordem. Pelo contrário, seus efeitos criaram um favorável ambiente terapêutico para pessoas que já sofreram humilhantes discriminações em instituições psiquiátricas e até mesmo no âmbito de suas famílias; isso sem citar, por demais óbvias, as dificuldades que se erguem no meio social para recebê-los de volta.⁵

Num ambiente acolhedor, várias atividades foram implementadas, e ainda são desenvolvidas: pintura, contos de fada, música coral, jornal, artesanato com papel machê, colagem, teatro, baile, arranjo floral, grupo cultural, xilogravura, Clube Caralâmpia, cinema, passeios, tapeçaria, expressão corporal, modelagem, salão de beleza etc. A Casa é um lugar de convivência humana, que visa resgatar os potenciais de seus frequentadores através da socialização, expressão criativa e vivências lúdicas. Clube Caralâmpia é o nome dado a reuniões com a participação dos clientes, médicos, psicólogos, monitores etc. em que são decididos os planos de algumas atividades, e em que todos podem expor suas críticas, sugestões etc.

Ateliê de pintura na sede da Rua Haddock Lobo.



Oficina de tear.

Não temos nem queremos ter contato com a psiquiatria tradicional. Ela, muito dentro de nossa cultura, valoriza sobretudo o verbal, o puramente racional, e pretende se relacionar com o doente a esse nível. Um fato importante, uma das coisas principais, é que, quando a pessoa se abre, se põe muito mais nas atividades expressivas do que numa entrevista de consultório médico. Se o cliente faz música, trabalha num arranjo floral, pinta ou escreve, ele formula uma imagem, e as observações feitas pelas orientadoras nos darão um mosaico. Como eu me ligo muito mais efetivamente ao processo criativo, esse trabalho representa uma experiência, não só por conhecimento como por intuição. As atividades são as formas de tratamento psiquiátrico mais efetivas. Num hospital psiquiátrico, o exame verbal é insuficiente. Sou partidária das atividades expressivas, estou atenta à maneira como a pessoa trabalha, o que menos me interessa é a produção.⁶

Quando se trata o indivíduo que, por motivos diferentes, está vivendo numa condição de doença como um ser normal, ele quase sempre tem um comportamento normal.⁷

Rótulos diagnósticos são, para nós, de significação menor, e não costumamos fazer esforços para estabelecê-los de acordo com classificações clássicas. Não pensamos em termos de doenças, mas em função de indivíduos que tropeçam no caminho de volta à realidade cotidiana.



Darcílio Lima
lápiz de cera
sobre papel
96 x 66 cm
1967
Acervo Casa
das Palmeiras



Darcílio Lima
teve uma breve
passagem pela
Casa das
Palmeiras. Nise
logo reconhe-
ceu o seu
talento,
apresentando-o
ao pintor Ivan
Serpa, que,
entusiasmado
por seu
trabalho,
acolheu-o e
deu-lhe grande
apoio. A partir
daí, foi um
período de
grande sucesso
para o artista,
que recebeu
prêmios e
reconhecimen-
to da crítica
brasileira e
estrangeira.

Darcílio Lima
litografia
74 x 56 cm
1972

Nesse sentido, visamos coordenar intimamente olho e mão, sentimento e pensamento, corpo e psique, primeiro passo para a realização do todo específico que deverá vir a ser a personalidade de cada indivíduo sadio. Na busca de conseguir esta coordenação, fazemos apelo às atividades que envolvam a função criadora existente, mais ou menos adormecida, dentro de todo indivíduo.

A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções e pensamentos são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo tumultos internos adquirem forma.⁸

Nas atividades desenvolvidas pelos doentes, não se copia nada, eu nunca admiti cópias. Todo mundo deve inventar alguma coisa, pois eu acho que a invenção, a criatividade, reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique.⁹

Certo dia um rapaz frequentador da Terapia Ocupacional, em vez de entrar numa das salas de trabalho masculino preferiu entrar na sala de atividades feminina atraído pelas qualidades latentes que pressentia existirem num pedaço de veludo estendido sobre a mesa da sala. Dirigiu-se à monitora Maria Abdo e perguntou:

— Posso com este pano fazer um gato?

A resposta foi sim. Então Luis Carlos começou a manipular o pedaço de veludo, dando-lhe a forma de um gato. A monitora ficou surpreendida, mas não interveio, salvo na colocação dos olhos do gato, a pedido de Luis Carlos.

Completado assim o gato, Luis Carlos tomou um lápis e escreveu:



“Gato, simplesmente angorá
do mato,
azul olhos nariz cinza
gato marrom
orelha castanho macho
agora rapidez
Emoção de Lidar.”

Clara
Gato com novelo de lã
46 x 65 cm
1959

Enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luis Carlos parecia feliz e disse:

— Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos.

Essa expressão *Emoção de Lidar* foi ponto de partida para substituir o pesado título *Terapêutica Ocupacional*.

Se seguirmos a preferência do material a ser trabalhado, este poderá dizer muito sobre o estado psíquico de quem o manipula.

É curioso que tenha sido um filósofo, Gaston Bachelard, quem abriu caminho para a pesquisa da importância psicológica dos materiais de trabalho. Bachelard descobriu que a imaginação criadora escolhe de preferência uma substância para revestir-se. Essas preferências poderão revelar segredos íntimos. Daí a importância de serem atentamente observadas. Diz Bachelard:

— A saúde de nosso espírito está em nossas mãos.¹⁰

Um dos grandes prazeres de Nise era ir às livrarias em busca de obras dos mais variados assuntos, atendendo à ampla gama de seus interesses, tanto profissionais, quanto literários, filosóficos ou espirituais. Ela foi formando, ao longo da vida, uma extraordinária biblioteca.

Sou uma pessoa muito livresca. Não posso ver um livro, que eu avanço. Amo os livros. Nas livrarias, quando não tinha dinheiro para comprá-los, eu os escondia. Pedia a amigos meus de braços compridos – como o Marcos Moreira, por exemplo, que era altíssimo – para irem comigo. Na outra semana, quando arranjava dinheiro, dizia:

— Vamos lá buscar o livro.

[...] Então um cliente, que trabalhava na marcenaria, sentiu, farejou, intuiu que eu amava os livros. E me deu um presente. Era um coração de madeira tendo, ao centro, um pequeno livro também esculpido em madeira. E me disse assim:

— Livro sem coração não vale nada.

E essa é uma das características do meu serviço. O afeto. Nunca chamei ninguém de “paciente”. Chamava todos pelo nome – Maria, Adelina, Fernando –, isso aproxima muito as pessoas.¹¹

Se recebo uma mensagem viva, eu a valorizo, venha ela sob que forma for.

Compreendi que as teorias científicas transmitidas pelo livro, ou seja, pela palavra escrita, não valiam por si só, era preciso um fundamento afetivo. Daí o livro associar-se ao coração, no trabalho em madeira do nosso doente. Nós não desprezamos o livro, mas valorizamos muito a relação afetiva entre médicos, entre monitor e doente.¹²

José Basto
*Livro dentro do
coração
trabalho em
madeira*





Escultura simbolizando a libertação do doente, José Basto, frequentador da Casa das Palmeiras.

Sempre tomo muito a sério o que os clientes me dizem. Há pouco tempo foi realizado um exercício de teatro na Casa das Palmeiras, dirigido por Geo Britto. Era um exercício simples, em que os clientes deveriam fechar um olho e abrir outro. Um dos participantes não conseguia. E, então, ele deu essa resposta lapidar, em que tenho passado horas pensando, procurando aplicá-las nas pessoas que eu conheço e em mim mesma. O cliente disse: “Você acha que é fácil abrir os dois olhos ao mesmo tempo? Há pessoas que passam a vida inteira e só conseguem abrir um olho.” E eu venho me perguntando, desde então, se eu tenho aberto os dois olhos. Olhos para a natureza, olhos para a expressão das pessoas, olhos para dentro de mim mesma.¹³

Nise na
segunda sede
da casa na
Rua D. Delfina
com o cão
coterapeuta
Beau.

CASA DAS PALMEIRAS

À dra. Nise da Silveira, naturalmente.

Também, um dia, um tempo,
conheci a demência,
para não ser ou não me sentir
superior aos outros.

Na masmorra da angústia
fui lançado, de repente,
para reconhecer
a herança da nossa miséria,
os vínculos fraternos.

O que me falta ainda
para ser humilde?

Nessas horas, nesses anos de tortura,
desposuído de mim,
— Só! —

eu temia
a ausência de um teto,
da proteção de paredes,
de um espaço de paz...

Não sabia que existias,
Casa das Palmeiras,
na Pátria dos Sabiás.

Se a doença voltar,
se a loucura voltar,
não me feches tuas portas,
ó casa materna,
útero alcatifado de minha mãe.

Acolhe-me caridosamente,
deixa-me viver os últimos dias
na companhia
dos meus irmãos mais simples.

Os renegados
Os bem-aventurados.
Que eu fique com eles
em convívio amoroso,
até que chegue o sono
em que a poesia acaba.¹⁴

CASSIANO NUNES





Atividade musical.

Nise participa da atividade de jardinagem, na década de 1970.

Ainda hoje, muita gente me diz:

Você sobrevive numa miséria terrível na Casa das Palmeiras. Por que não obter um credenciamento ou assinar um convênio com o INAMPS?

Sempre acharam isso um absurdo, de minha parte. Então eu respondia com uma fábula de La Fontaine. Certa vez um cão, gordo e luzidio, encontra um lobo, escalavrado e faminto. (É até curioso que o lobo não tenha comido o cachorro. Não sei que incoerência foi essa de La Fontaine!) E disse o cachorro:

— Compadre Lobo, por que você está com este aspecto tão esfomeado? Eu tenho, em casa, comida em abundância e o convido a almoçar comigo porque o almoço me sobra.

O lobo aceitou e saíram os dois, em direção à casa do cachorro. No caminho, o lobo vê uma marca em volta do pescoço do cão e diz:

— Compadre, o que é isso no seu pescoço?

E o cachorro responde:

— É a coleira. Fico solto a noite toda e algumas horas durante o dia. Depois fico preso na coleira.

Aí o lobo disse:

— Você fica preso numa coleira? Então não quero o seu almoço mais não.

E foi-se embora.¹⁵

A entidade, que, desde 1961, é considerada de utilidade pública, dá assistência gratuita a todos aqueles que dela necessitam. E através de mensalidade de nossos associados, de doações e de campanhas beneficentes, temos conseguido manter a instituição nestes onze anos de existência.¹⁶



Alice e Nise na entrada da segunda sede da Casa, na Rua Dona Delfina, Tijuca.

Nas primeiras décadas de funcionamento, as psiquiatras responsáveis pela Casa das Palmeiras eram Nise e Alice, sua amiga. Elas não recebiam nenhuma remuneração por este trabalho. Nise, periodicamente, promovia cursos para angariar fundos para a instituição, para a qual ainda doava todo o dinheiro extra que ganhava.

Em 1960, Nise deu um depoimento ao *Correio da Manhã* sobre seus planos de trabalho:

É nosso desejo transformar a Casa das Palmeiras num hospital diurno ou, ainda, noutra etapa maior, em noturno, para evitar a internação permanente.¹⁷

Por muitos anos, a Casa das Palmeiras veio cumprindo seu objetivo de cortar o inexorável ciclo de internações-reinternações de seus clientes, a maioria dos quais não retornava ao hospital psiquiátrico desde que a frequentava. Atualmente a Casa, sediada na Rua Sorocaba, no bairro de Botafogo, se insere como modelo de atendimento no contexto da nova política de Saúde Mental, em que há menos internações, prevalecendo os cuidados psiquiátricos em regime aberto. Mesmo levando em conta essa outra realidade, é alentador saber que, em 2005, o índice de reinternações, na Casa das Palmeiras, foi de apenas 4,7%.